

TEXTO BASE

CE 2013

“Eu vos anuncio uma grande alegria” (Lc 2,10)

Oração da CE

Pai Santo, quisestes que a vossa Igreja
fosse no mundo fonte de salvação
para todas as nações,
a fim de que a obra do Cristo que vem
continue até o fim dos tempos.

Aumentai em nós o ardor da evangelização,
derramando o Espírito prometido,
e fazei brotar em nossos corações
a resposta da fé.

Por Cristo, nosso Senhor.

Sumário

Siglas	4
Introdução	5
A alegria da espera do Messias	7
A criação e o pecado original.....	7
O protoevangelho	10
Uma história de confiança e alegre esperança.....	12
O anúncio profético do Messias	12
Um povo que espera e confia.....	15
O Deus que cumpre o que promete.....	16
A vinda do Messias	19
Eu vos anuncio uma grande alegria	19
O Espírito do Senhor repousa sobre mim	22
As bem-aventuranças.....	23
A alegria do Reino	24
Na presença do noivo não há jejum.....	25
O mistério pascal: a alegria da ressurreição.....	26
Fazei discípulos	27
A Igreja	30
A presença de Jesus	32
A força do Espírito Santo.....	34
A evangelização hoje.....	36
A alegre esperança do Reino	36
A obra evangelizadora e a alegria de encontrar Jesus	37
Motivos para comemorar.....	38
Motivos para agir	39
Realizar a Campanha para a Evangelização.....	40
1. Equipe Regional de Campanhas	41
2. Equipe Permanente de Campanhas da Diocesana	42
3. Equipe Paroquial da CE.....	44
Bibliografia	46
Documentos Conciliares.....	46
Magistério Pontifício	46
Conferências Episcopais	46

Livros e artigos.....	46
Internet.....	47

Siglas

CEC – Catecismo da Igreja Católica

DAP – Documento de Aparecida. Conclusões da Vª Conferência do Episcopado da América Latina e do Caribe

DGAE – Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil

EA – Exortação Apostólica Pós Sinodal *Ecclesia in America*, do Papa João Paulo II

EN – Exortação Apostólica Pós Sinodal *Evangelii Nuntiandi*, do Papa Paulo VI

LG – Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, do Concílio Ecumênico Vaticano II.

NMI – Exortação Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, do Papa João Paulo II.

RM – Carta Encíclica *Redemptoris Missio* sobre a validade permanente do mandato missionário, do Papa João Paulo II.

Introdução

1 – A Campanha para a Evangelização já é uma tradição da Igreja no Brasil. Ela acontece todos os anos com o início na Festa de Cristo Rei e termina no terceiro domingo do Advento, com os seguintes objetivos:

- Conscientizar todos os cristãos, unidos a Cristo pela graça do Batismo, para que participem da missão evangelizadora da Igreja;
- Motivar para a colaboração na missão da Igreja através:
 - do testemunho;
 - de ações pastorais específicas;
 - da garantia de recursos materiais;
 - apoio às estruturas da Igreja;
 - apoio à atividade evangelizadora nas dioceses, nos Regionais e em âmbito nacional.

2 – A Campanha para a Evangelização acontece no tempo do Advento e, por isso, segue a sua espiritualidade, tendo como eixo central de reflexão o mistério da Encarnação. O tempo do Advento nos apresenta um conteúdo teológico bem rico, enfocando o Deus da história que quer a salvação de todas as pessoas, e que realiza na história esta salvação que já vivemos, mas que ainda não se realizou em plenitude, pois acontecerá no último dia, o “dia do Senhor”.¹

3 – Este tempo também nos recorda o compromisso evangelizador da Igreja. Neste tempo, refletimos sobre o nosso esforço em vista do advento do Reino definitivo. Mas o que é evangelizar? Joan Guiteras Vilanova afirma que

*“Evangelizar é verbo derivado do evangelho, e equivale à proclamação ou anúncio de Jesus Cristo e sua mensagem. Com a finalidade de que quem recebe esta alegre notícia se converta e se batize, para ser filho adotivo de Deus, fazer parte da Igreja e chegar à plenitude da vocação sobrenatural com a prática das boas obras”.*²

4 – Mas evangelizar é muito mais do que anúncio. Trata-se de criar condições para que a pessoa aceite livremente e assuma como próprios os valores do evangelho, de modo que o seu agir seja sempre o agir segundo Jesus e ela possa viver a graça batismal na

¹ Cf. BERGAMINI, A., **Verbetes “Advento”** in VVAA. *Dicionário de Liturgia*, p. 13.

² VILANOVA, J. G., **Verbetes “Evangelização”** in VVAA. *Dicionário de Catequética*, p. 455.

busca cada vez mais perfeita de sua configuração a Cristo, o que significa assumir a vocação à santidade.

5 – A evangelização é a missão essencial da Igreja, pois ela existe *“para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa”*.³ Hoje, mais do que nunca ela é necessária, principalmente por causa da falta de critérios e de valores que marcam a sociedade contemporânea. É por isso que os bispos do Brasil, reunidos na 49ª Assembleia Geral da CNBB, quando aprovaram as atuais Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, afirmaram que

“Na medida em que as mudanças de época atingem os critérios de compreensão, os valores e as referências, os quais já não se transmitem mais com a mesma fluidez de outros tempos, torna-se indispensável anunciar Jesus Cristo, apresentando, com clareza e força testemunhal, quem é Ele e qual sua proposta para toda a humanidade”.⁴

6 – A Campanha para a Evangelização de 2013 tem como lema: *“Eu vos anuncio uma grande alegria”* (Lc 2,10)⁵. Ela nos convida a anunciar a alegria de ser discípulo missionário de Jesus Cristo, participar da sua vida. Precisamos mostrar ao mundo que *“este povo, que jazia nas trevas, viu resplandecer uma grande luz; e surgiu uma aurora para os que jaziam na região sombria da morte”* (Mt 4, 16). Precisamos mostrar a alegria que é conhecer e se relacionar com o Filho de Deus que nos tira das trevas e da região sombria da morte para que todos tenham luz e vida plena.

7 – Para que possamos entender melhor esta alegria e o significado de tudo isso tanto para o Natal como para a Campanha para a Evangelização, vamos nos voltar às Escrituras para entendermos a alegria da espera do Messias, a alegria da sua presença e a alegria de participar da sua missão.

³ EN 14.

⁴ DGAE 2011 – 2015 n.º 32.

⁵ Todas as citações bíblicas são tiradas da Tradução da CNBB.

A alegria da espera do Messias

8 – A promessa da vinda do Messias é o fundamento da esperança do povo de Israel e o motivo de sua alegria. Deus jamais abandona o seu povo. Mesmo quando é traído pelo povo, Deus diz: *“não lhe retirarei o meu favor e não trairei minha promessa, não violarei minha aliança, não mudarei minha palavra dada”* (SL 88, 34-35). Os Salmos também nos dizem que *“Ele se lembra eternamente de sua aliança, da palavra que empenhou a mil gerações, que garantiu a Abraão, e jurou a Isaac, e confirmou a Jacó irrevogavelmente, e a Israel como aliança eterna”* (SL104, 8-10).

9 – O povo da Antiga Aliança volta-se para o futuro, confiante em Deus e nas suas promessas, e alegremente espera pelo Messias. O Antigo Testamento nos mostra isso. Por isso, vamos compreender melhor esta alegre esperança, que contribuirá para que possamos entender melhor o tempo do Advento e a Campanha para a Evangelização.

A criação e o pecado original

10 – O Livro do Gênesis nos mostra todo o plano de Deus através do relato da criação, assim como a dificuldade que o ser humano tem para corresponder com este plano. Então perguntamos: qual o desejo de Deus ao criar o ser humano? Para respondermos a essa pergunta, partimos da narrativa da criação do homem e da mulher:

Então Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastem sobre a terra." Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher. Deus os abençoou: "Frutificai, disse ele, e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra." Deus disse: "Eis que eu vos dou toda a erva que dá semente sobre a terra, e todas as árvores frutíferas que contêm em si mesmas a sua semente, para que vos sirvam de alimento. E a todos os animais da terra, a todas as aves dos céus, a tudo o que se arrasta sobre a terra, e em que haja sopro de vida, eu dou toda erva verde por alimento." E assim se fez. (Gn 1, 26-30).

11 – O ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus. Isso significa que ele é capaz de se relacionar com Deus, pois o relacionamento exige alguma semelhança, nos relacionamos com o mundo natural porque somos seres de natureza e nos relacionamos

com Deus porque fomos criados semelhantes a ele. Assim nos ensina o Catecismo da Igreja Católica:

*“De todas as criaturas visíveis, só o homem é ‘capaz de conhecer e amar seu Criador’; ele é ‘a única criatura na terra que Deus quis por si mesma’; só ele é chamado a compartilhar, pelo conhecimento e pelo amor, a vida de Deus. Foi para este fim que o homem foi criado, e aí reside a razão fundamental de sua dignidade”.*⁶

12 – O significado do relacionamento entre Deus e o ser humano é manifesto de forma poética no livro do Gênesis. Deus passeava todos os dias, na hora da brisa da tarde, e chamava Adão para passear com ele (cf. Gn 3, 8). Havia a paz entre Deus e os seres humanos.

13 – Tanto Adão como Eva viviam nus e não se envergonhavam (cf. Gn 2, 25). Não havia o que esconder, tudo era claro. Não havia medo ou traumas, havia simplesmente a paz interior, a paz consigo mesmo.

14 – Por ser criado à imagem de Deus, o ser humano deve exercer o domínio sobre o mundo criado. A palavra “domínio” é derivada do latim “dominus”, que significa “senhor”. Exercer o domínio sobre a natureza quer dizer exercer o senhorio sobre ela a partir do modelo de Senhor, que é o próprio Deus, que cria, possibilita o desenvolvimento, cuida e faz da natureza uma bênção. Assim, ele deve *“exercer nela um governo pastoril no sentido de rechaçar inimigos perigosos”*.⁷ Com isso, o ser humano garantiria a paz com a natureza.

15 – Deus criou o homem e a mulher para serem companheiros e felizes neste mundo. É interessante como a comunhão entre homem e mulher se manifesta na narrativa do encontro de Adão com Eva: *“Eis agora aqui, disse o homem, o osso de meus ossos e a carne de minha carne; ela se chamará mulher, porque foi tomada do homem.”*(Gn 2, 23). Existe a paz entre as pessoas.

16 – Por ser criado à semelhança de Deus, o ser humano tende para a vida divina, para ser divinizado. *“Deus, que ‘habita uma luz inacessível’ (1 Tm 6,16), quer comunicar sua própria vida divina aos homens, criados livremente por ele, para fazer deles, no seu*

⁶ CEC n.º 356.

⁷ SATTLER, D. e SCHNEIDER, T., **Doutrina da Criação** in SHNEIDER, T. (org.) *Manual de Dogmática*, p. 148.

Filho único, filhos adotivos".⁸ Mas o ser humano buscou a divinização de si mesmo por seus próprios meios, o que resultou na sua queda.

17 – A grande causa do pecado foi o desejo de se tornar divino por si mesmo. O relato do diálogo entre a mulher e a serpente deixa claro isso:

A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o Senhor Deus tinha formado. Ela disse a mulher: “É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda árvore do jardim?” A mulher respondeu-lhe: Podemos comer do fruto das árvores do jardim. Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Vós não comereis dele, nem o tocareis, para que não morrais.” “Oh, não! – tornou a serpente – vós não morrereis! Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.” A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente (Gn 3, 1-6).

18 – No dia em que dele comerdes, sereis como deuses. Trata-se de um ritual que tem por finalidade a própria divinização. O ser humano quer ser divino sem Deus, que quer lhe dar a vida divina através do mistério da Encarnação do Verbo. Quando isso acontece, o ser humano rompe com o projeto de Deus para viver o seu próprio projeto, quebrando toda a harmonia do plano da criação.

19 – Já não existe a paz em relação a Deus. Quando Deus chama Adão para passear, a resposta é clara: *“Ouvi o barulho dos vossos passos no jardim; tive medo”* (Gn 3, 10). O companheiro de passeio de todas as tardes tornou-se uma ameaça. Já não existe a paz entre os seres humanos. Aquela que era *“ossos dos meus ossos e carne da minha carne”* passa a ser a causa dos males da vida: *“A mulher que pusestes ao meu lado apresentou-me deste fruto, e eu comi.”* (Gn 3, 12). E Deus também é culpado do mal do homem pois foi ele quem colocou a mulher ao seu lado. Agora existe o medo e o trauma, as coisas precisam ser escondidas: *“Então os seus olhos abriram-se; e, vendo que estavam nus, tomaram folhas de figueira, ligaram-nas e fizeram cinturas para si”* (Gn 3, 7). A maldição entrou na terra e não existe mais a paz com a natureza: *E disse em seguida ao homem: “Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste do fruto da árvore que eu te havia proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. Tirarás dela com trabalhos penosos o teu sustento todos os dias de tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos, e*

⁸ CEC n.º 52.

tu comerás a erva da terra. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto, até que voltes à terra de que foste tirado; porque és pó, e pó te hás de tornar.” (Gn 3, 17-19).

20 – Quando os olhos do homem e da mulher se abriram, eles se tornaram conhecedores do bem e do mal. Aí é que se encontra a pior das realidades do ser humano: ele tornou-se capaz de fazer o mal, e esta capacidade manifestou-se inicialmente com o assassinato de Abel e foi se desenvolvendo ao longo da história. Diante disso, não existe mais a possibilidade da verdadeira paz e da verdadeira felicidade para o ser humano.

O protoevangelho

21 – Mas Deus é diferente das pessoas e não as abandona na sua maldição. Assim rezamos: *“E quando pela desobediência perderam a vossa amizade, não os abandonastes ao poder da morte, mas a todos socorrestes com bondade, para que, ao procurar-vos, vos pudessem encontrar”*⁹. E a promessa de salvação é feita imediatamente por Deus: *“Então o Senhor Deus disse à serpente: ‘Porque fizeste isso, serás maldita entre todos os animais e feras dos campos; andarás de rastos sobre o teu ventre e comerás o pó todos os dias de tua vida. Porei ódio entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu ferirás o calcanhar’”* (Gn 3, 14-15). Com essa promessa, Deus devolve ao ser humano a possibilidade de ser verdadeiramente feliz, e ele vai viver na esperança do acontecimento desta promessa.

22 – Deus amaldiçoa a causa do mal e faz dela inimiga do ser humano. O ser humano, conhecedor do bem e do mal e capaz de fazer o mal, vai lutar contra ele, vai buscar o bem, vai ferir a cabeça da serpente, ou seja, destruí-la. Deus não instrumentaliza o ser humano, mas faz dele protagonista na luta contra o mal e se faz seu parceiro.

23 – Isso de fato vai acontecer através de Jesus Cristo, descendente de mulher que, na obra da redenção, destrói o mal, conforme nos ensina São Paulo: *“Se pelo pecado de um só homem reinou a morte (por esse único homem), muito mais aqueles que receberam a abundância da graça e o dom da justiça reinarão na vida por um só, que é Jesus Cristo! Portanto, como pelo pecado de um só a condenação se estendeu a todos os homens, assim por um único ato de justiça recebem todos os homens a justificação que dá a vida. Assim como pela desobediência de um só homem foram todos*

⁹ Oração Eucarística IV.

constituídos pecadores, assim pela obediência de um só todos se tornarão justos” (Rm 5, 17-19).

24 – A imagem de Nossa Senhora das Graças, que todos nós conhecemos, é uma retratação artística dessa promessa de Deus. Vemos Maria, de braços abertos, esmagando com seus pés a cabeça da serpente, o que acontece pela obra realizada por seu divino Filho.

25 – A história da salvação, narrada no Antigo Testamento, vai ser a construção desta promessa. É a história da Aliança entre Deus e o ser humano em vista da Encarnação do Verbo e da salvação de todo o gênero humano. Uma história marcada pela ambiguidade do ser humano e pela fidelidade de Deus. Esta história caminha para a plenitude dos tempos, para a grande alegria que é anunciada pela Igreja na sua obra evangelizadora.

Uma história de confiança e alegre esperança

26 – Falar do Antigo Testamento é muito mais do que pensar nos fatos nele narrados. Toda história do povo de Israel é voltada para o passado. Existe uma história de fé que não pode ser negada e este elemento histórico, fundamentado em nomes, datas e fatos mostram que a religião do povo eleito não tem fundamentos mitológicos, como as demais religiões antigas. Abraão, Moisés, Elias ou Davi são pessoas reais que fizeram uma experiência real, histórica, de Deus.

27 – A experiência histórica mostra o Deus amoroso que age com mão forte em situações concretas, mas este agir sempre supõe o protagonismo histórico de pessoas. É Deus quem envia Moisés ao Faraó (cf. Ex 3, 10-15), é Deus quem escolheu Davi (cf. 2Sm 6, 21), é lhe entregou o filisteu Golias (cf. 1Sm 17, 47), mas é Davi quem age e mata Golias usando de um estratagema que ele mesmo desenvolveu (cf. 1Sm 17, 48-51). O Antigo Testamento está repleto de exemplos do povo que, nas maiores dificuldades, espera em Deus e sabe que ele cumpre as suas promessas e não decepciona. Esta esperança e confianças movem o povo a agir nas situações mais adversas (cf. 1Mc 2, 61).

28 – Mas a história de Israel também aponta para o futuro. O olhar para o passado não é um mero saudosismo de feitos grandiosos. Olhar para o passado é ver o próprio Deus que promete e cumpre. É ver o próprio Deus prometendo ainda mais, é ver promessas que ainda não foram cumpridas. Olhar para o passado é buscar os fundamentos para olhar com alegria e confiança para o futuro e esperar que as promessas divinas sejam plenamente realizadas. Esta alegre esperança no Deus que cumprirá suas promessas é uma das principais marcas do Antigo Testamento. Esta alegre esperança é a marca do cristão que celebra o tempo do Advento.

O anúncio profético do Messias

29 – Hoje em dia, quando se fala em profetismo, todos pensam logo em uma pessoa que tem a capacidade de prever o futuro, principalmente as desgraças que estão por vir, a fim de prevenir o povo. Como exemplo disso, podemos citar a importância que hoje é dada a alguns tidos por alguns como profetas do fim do mundo como, por exemplo, o francês Michel de Nostradamus ou São Malaquias.

30 – Porém, profetismo é bem diferente disso. O Pe. Emanuel Bouzon, doutor em ciências bíblicas, afirma que o profeta é “*um pregador que anuncia a vontade do Deus de Israel ao povo. Ele fala, portanto, conforme a necessidade do seu tempo*”.¹⁰ O profetismo refere-se a pessoas que são de Deus e estão ao seu serviço.

31 – Os profetas fizeram muito mais do que denunciar os crimes de Israel. Não basta denunciar erros, mesmo que superando o ético e o moral e mostrando a incidência do crime na história. É preciso ir mais além para ser profeta. É preciso mostrar a novidade, motivar, ser propositivo. Ser profeta significa ser capaz de ir além da superação do mal. A obra redentora de Jesus, o profeta por excelência, não se limita ao perdão dos pecados, mas vai além: inaugura o Reino de Deus na história humana.

32 – Os profetas do Antigo Testamento também apresentam a grande novidade para o povo de Israel e é esta grande novidade que vai sustentar o seu protagonismo histórico: Deus prometeu o Messias, e ele virá, e todos sabem disso, até mesmo os iníquos. A título de exemplo, vejamos o caso de Herodes que, ao saber dos Magos o nascimento de um Rei, consulta os príncipes dos sacerdotes e os escribas para saber onde nasceria o Messias (cf. Mt 2, 1-6).

33 – Os profetas mostram a todos essas promessas e, com isso, sustentam a esperança do povo mesmo em momentos terríveis como, por exemplo, a queda do Reino de Israel, o exílio da Babilônia ou a tentativa de implantar a cultura helênica em Israel, rechaçada pelo povo, sob a liderança dos irmãos Macabeus, a custo de muito sacrifício e muito sangue derramado.

34 – A título de exemplo, vamos nos prender no profeta Isaiás para ver como o profetismo mostra a alegria dos tempos messiânicos. É ele quem diz: “*O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; sobre aqueles que habitavam uma região tenebrosa resplandeceu uma luz. Vós suscitais um grande regozijo, provocais uma imensa alegria; rejubilam-se diante de vós como na alegria da colheita, como exultam na partilha dos despojos. Porque o jugo que pesava sobre ele, a coleira de seu ombro e a vara do feitor, vós os quebrastes, como no dia de Madiã*” (Is 9, 1-3). É a promessa da alegria da libertação que vem com a chegada do Messias. Este mesmo profeta mostra que a alegria do Messias vem do temor do Senhor, mostrando a verdadeira causa da alegria dos tempos messiânicos (cf. Is 11, 1-4).

¹⁰ BOUZON, E., **O profetismo no Antigo Oriente e no Antigo Testamento** in BINGEMER, M.C.L. e YUNES, E. (orgs.), *Profetas e profecias*, p. 41.

35 – Isaías também mostra que esta alegria é encontrada na salvação que vem de Deus e acontece nos tempos messiânicos, pois o messias é o santo de Israel: *“Eis o Deus que me salva, tenho confiança e nada temo, porque minha força e meu canto é o Senhor, e ele foi o meu salvador. Vós tirareis com alegria água das fontes da salvação, e direis naquele tempo: Louvai ao Senhor, invocai o seu nome, fazei que suas obras sejam conhecidas entre os povos; proclamai que seu nome é sublime. Cantai ao Senhor, porque ele fez maravilhas, e que isto seja conhecido por toda a terra. Exultai de gozo e alegria, habitantes de Sião, porque é grande no meio de vós o Santo de Israel”* (Is 12, 2-6).

36 – Ele também mostra a alegria que o povo terá por ver em Deus a sua proteção: *“Vós, porém, fareis retumbar vossos cânticos, como na noite em que se celebra festa; e tereis alegria no coração, como o que caminha ao som da flauta, para vir ao monte do Senhor, junto ao rochedo de Israel”* (Is 30, 29).

37 – A alegria dos tempos messiânicos é ainda mais enfatizada por Isaías, quando diz:

“O deserto e a terra árida regozijar-se-ão. A estepe vai alegrar-se e florir. Como o lírio ela florirá, exultará de júbilo e gritará de alegria. A glória do Líbano lhe será dada, o esplendor do Carmelo e de Saron; será vista a glória do Senhor e a magnificência do nosso Deus. Fortificai as mãos desfalecidas, robustecei os joelhos vacilantes. Dizei àqueles que têm o coração perturbado: Tomai ânimo, não temais! Eis o vosso Deus! Ele vem executar a vingança. Eis que chega a retribuição de Deus: ele mesmo vem salvar-vos. Então se abrirão os olhos do cego. E se desimpedirão os ouvidos dos surdos; então o coxo saltará como um cervo, e a língua do mudo dará gritos alegres. Porque águas jorrarão no deserto e torrentes, na estepe. A terra queimada se converterá num lago, e a região da sede, em fontes. No covil dos chacais crescerão caniços e papiros. E haverá uma vereda pura, que se chamará o caminho santo; nenhum ser impuro passará por ele, e os insensatos não rondarão por ali. Nele não se encontrará leão, nenhum animal feroz transitará por ele; mas por ali caminharão os remidos, por ali voltarão aqueles que o Senhor tiver libertado. Eles chegarão a Sião com cânticos de triunfo, e uma alegria eterna coroará sua cabeça; a alegria e o gozo possuí-los-ão; a tristeza e os queixumes fugirão” (Is 35, 1-10).

38 – Poderíamos falar muito mais sobre a alegria dos tempos messiânicos no profeta Isaías, mas não é esse o objetivo deste trabalho. Mas concluindo o seu pensamento, o povo deve se alegrar com a vinda do Messias porque ele é a luz de Deus na história dos

homens, aquele que liberta do juízo, sua alegria está no temor do Senhor, todos podem beber com alegria no manancial da salvação, é grande o santo de Israel e todos devem viver na alegria da proteção divina. É por isso que *“uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamará Deus Conosco”* (Is 7, 14).

Um povo que espera e confia

39 – A confiança que o povo de Israel tem em Deus faz com que a sua esperança seja fortalecida. É por isso que diz o salmista: *“Eis os olhos do Senhor pousados sobre os que o temem, sobre os que esperam na sua bondade, a fim de livrar-lhes a alma da morte e nutri-los no tempo da fome. Nossa alma espera no Senhor, porque ele é nosso amparo e nosso escudo. Nele, pois, se alegra o nosso coração, em seu santo nome confiamos. Seja-nos manifestada, Senhor, a vossa misericórdia, como a esperamos de vós”* (SL 32, 18-22).

40 – Esta esperança, que é manifesta em relação às necessidades do dia a dia, é ainda mais marcante quanto se fala dos tempos messiânicos. Um exemplo disso é a fala da Samaritana no poço de Jacó, conforme nos narra o apóstolo São João: *“Respondeu a mulher: Sei que deve vir o Messias (que se chama Cristo); quando, pois, vier, ele nos fará conhecer todas as coisas”* (Jo 4, 25). João Batista também tem a mesma esperança: *“Tendo João, em sua prisão, ouvido falar das obras de Cristo, mandou-lhe dizer pelos seus discípulos: Sois vós aquele que deve vir, ou devemos esperar por outro?”* (Mt 11, 2-3).

41 – Sabemos que o povo reza apoiado na própria fé, a oração é uma expressão do que se acredita:

(...) a cidade de Jerusalém com seu culto pode ser considerada como um dos pontos centrais da fé dos Salmos. De conformidade com esta fé, o templo fora escolhido por Deus para ser o lugar da presença de sua revelação, lugar onde brotavam torrentes de bênçãos”¹¹.

Os salmos mostram a fé do povo de Israel na vinda do Messias e a alegre esperança de sua vinda e tanto a Samaritana como João Batista testemunham que esta fé não esmoreceu no decorrer dos séculos, mesmo diante das grandes dificuldades e dos desafios que foram enfrentados pelo povo da Antiga Aliança.

¹¹ SELLIN, E. e FOHRER, G., Introdução ao Antigo Testamento, vol II, p. 433.

O Deus que cumpre o que promete

42 – O povo de Israel ouve com alegria as promessas de Deus, acredita nelas por causa da fidelidade divina e louva a Deus por isso. O livro dos Salmos testemunha isso. O Salmo 32 afirma: *“Cantai-lhe um cântico novo, acompanhado de instrumentos de música, porque a palavra do Senhor é reta, em todas as suas obras resplandece a fidelidade: ele ama a justiça e o direito, da bondade do Senhor está cheia a terra”* (SL 32, 3-5) O Salmo 35 reza assim: *“Senhor, vossa bondade chega até os céus, vossa fidelidade se eleva até as nuvens”* (SL 35, 6). Esta fidelidade também aparece de forma bem clara em outro Salmo: *“Ele se lembra eternamente de sua aliança, da palavra que empenhou a mil gerações, que garantiu a Abraão, e jurou a Isaac, e confirmou a Jacó irrevogavelmente, e a Israel como aliança eterna, quando disse: Dar-te-ei a terra de Canaã, como parte de vossa herança”* (SL 104, 8-11).

43 – Mas nem sempre as promessas de Deus são motivo de alegria para o povo. Existem promessas que são ameaças e não representam o desejo do povo como, por exemplo, a promessa do exílio da Babilônia, que encontramos no Livro do Profeta Ezequiel:

“Filho do homem, volta-te para as montanhas de Israel, e contra elas profere o oráculo seguinte: montes de Israel, escutai a palavra do Senhor Javé. Eis o que diz o Senhor Javé às colinas, aos outeiros, aos ribeiros e aos vales: vou enviar contra vós a espada para destruir os vossos lugares altos. Vossos altares serão demolidos, quebrados os vossos obeliscos; farei cair os vossos homens, transpassados a golpes diante dos vossos ídolos. Sim, perante eles estenderei os cadáveres dos israelitas, espalharei todas as vossas ossadas em torno dos vossos altares. Em todo lugar onde vos fixardes, não de ser as vossas cidades despovoadas, e devastados os lugares altos, de sorte que os vossos altares serão saqueados, demolidos os vossos ídolos, quebrados, suprimidos; os vossos obeliscos, despedaçados, as vossas obras, aniquiladas. No vosso meio tombarão homens transpassados de golpes, e sabereis que sou eu o Senhor” (Ez 6, 2-7).

44 – Esta promessa também foi cumprida, pois Deus sempre cumpre o que promete, e o povo foi para o exílio da Babilônia, conforme nos mostra o Segundo Livro dos Reis: *“No sétimo dia do quinto mês, no décimo nono ano do reinado de Nabucodonosor, rei de Babilônia, Nabuzardã, chefe da guarda e servo do rei de Babilônia, entrou em Jerusalém. Incendiou o templo do Senhor, o palácio real e todas as casas da cidade.*

E as tropas que acompanhavam o chefe da guarda demoliram o muro que cercava Jerusalém. Nabuzardã, chefe da guarda, deportou para Babilônia o que restava da população da cidade, os que já se tinham rendido ao rei de Babilônia e todo o povo que restava” (2 Rs 25, 8-11).

45 – Mas o mesmo Deus promete a volta do exílio da Babilônia pela boca do profeta Jeremias: *“Por isso, assim disse o Senhor dos exércitos: porque não me escutastes as palavras, vou conclamar todas as tribos do norte, - oráculo do Senhor -, assim como o meu servo, Nabucodonosor, rei de Babilônia, a fim de lançá-los contra esta terra e seus habitantes, e todas essas nações que a cercam. Votá-los-ei ao interdito e deles farei objeto de assombro, de assobio e de eterna ruína. Abafarei seus gritos de alegria e os cânticos de júbilo, a voz do esposo e da esposa, e amortecerei o ruído da mó e o brilho da lâmpada. Converter-se-á esta terra em angústia e solidão, e por setenta anos lhe há de perdurar a servidão ao rei de Babilônia.. Decorridos esses setenta anos, castigarei o rei de Babilônia e seu povo por causa de seus pecados - oráculo do Senhor -, assim como a terra dos caldeus, que transformarei definitivamente num deserto.” (Jr 25, 8-12), e cumpre a promessa, conforme nos narra o Segundo Livro das Crônicas: *“Assim se cumpria a profecia que o Senhor tinha dado pela boca de Jeremias - Até que a terra desfrutasse os seus sábados -, pois a terra ficou inculta durante todo esse período de desolação, até que se completaram setenta anos. No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, a fim de que se cumprisse a profecia do Senhor, posta na boca de Jeremias, o Senhor excitou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, e este mandou fazer em todo o seu reino, à viva voz e também por escrito, a proclamação seguinte: Assim fala Ciro, rei da Pérsia: o Senhor, Deus do céu, deu-me todos os reinos da terra, e me encarregou de lhe construir um templo em Jerusalém, que está na terra de Judá. Todo aquele dentre vós que for de seu povo, esteja seu Deus com ele, e que ele para lá se dirija!” (2 Cr 36, 21-23).**

46 – Deus se mostra fiel mesmo diante das infidelidades do seu povo. Quando o povo se afasta da Aliança, Deus vem ao seu encontro e usa da sua pedagogia para reconduzi-lo ao bom caminho. Este é o seu povo escolhido que ele ama com amor eterno, conforme nos mostra esta linda declaração de amor narrada pelo profeta Oséias: *“Curarei a sua infidelidade, amá-los-ei de todo o coração, (porque minha cólera apartou-se deles). Serei para Israel como o orvalho; ele florescerá como o lírio, e lançará raízes como o*

álamo. Seus galhos estender-se-ão ao longe, sua opulência igualará à da oliveira e seu perfume será como o odor do Líbano” (Os 14, 4-6).

A vinda do Messias

47 – Todas as promessas e profecias do Antigo Testamento encontram a plenitude da sua realização no mistério da Encarnação do Verbo e só podem ser plenamente compreendida a partir deste mistério, pois, em última instância, se dirigem a ele. O Evangelho de São Mateus é rico em exemplos disso, pois em diversos trechos, encontramos a citação de trechos da Escritura que foram cumpridos em Jesus Cristo. (cf. Mt, 1,22; 2, 5.15-18.23; 4, 14; 8, 17; 11, 10; 13, 14. 35; 21, 4.42; 26, 24.31.54-56; 27, 9-10.35). O mesmo acontece com os demais Evangelhos.

48 – Jesus é aquele que cumpre plenamente as promessas feitas por Deus, de modo que ele é quem realiza as esperanças do povo da Antiga Aliança e é a verdadeira causa da alegria do povo. A chegada da plenitude dos tempos é o centro da história da humanidade e é o local histórico onde o divino se une ao humano, levando à plenitude a obra da criação.

Eu vos anuncio uma grande alegria

49 – A vinda do Messias ao mundo acontece num período histórico muito difícil para o povo. Na primavera do ano 63 a.C., o general Pompeu entrou em Jerusalém e submeteu toda a região ao Império Romano¹². A partir daí, a vida do povo ficou cada vez mais difícil.

50 – Na época do nascimento de Jesus, acontecia um recenseamento. Assim nos escreve São Lucas: *“Naqueles tempos apareceu um decreto de César Augusto, ordenando o recenseamento de toda a terra. Este recenseamento foi feito antes do governo de Quirino, na Síria. Todos iam alistar-se, cada um na sua cidade”* (Lc 2, 1-3). Este recenseamento tinha um objetivo bem claro: identificar as propriedades rurais, assim como seus respectivos proprietários em vista da cobrança dos impostos do Império¹³. Estes impostos, somados aos de Herodes pesava muito:

“A carga total (dos impostos) era, provavelmente, esmagadora. Para muitas famílias ia embora em tributos e impostos um terço ou a metade do que produziam. Era difícil subtrair-se aos arrecadadores (...) O problema dos camponeses era

¹² Cf. PAGOLA, J. A., *Jesus, aproximação histórica*, p. 30.

¹³ Cf. RATZINGER, J., *A infância de Jesus*, p. 53.

como guardar semente suficiente para a semeadura no ano seguinte e como subsistir até à seguinte colheita sem cair na espiral do endividamento”¹⁴.

51 – Mais do que nunca, o povo espera em Deus. Não existem forças para resistir ao poder imperial e às políticas econômicas dos poderosos locais. A vida é dura e falta tudo. O melhor do que se consegue vai para Roma ou para juntar-se aos bens de Herodes ou dos Sumos Sacerdotes. O povo vive pouco, e o pouco que vive é mergulhado na carência e na miséria. Mas continua acreditando e rezando:

“O Senhor é meu pastor, nada me faltará. Em verdes prados ele me faz repousar. Conduz-me junto às águas refrescantes, restaura as forças de minha alma. Pelos caminhos retos ele me leva, por amor do seu nome. Ainda que eu atravesse o vale escuro, nada temerei, pois estais comigo. Vosso bordão e vosso báculo são o meu amparo. Preparais para mim a mesa à vista de meus inimigos. Derramais o perfume sobre minha cabeça, e transborda minha taça. A vossa bondade e misericórdia hão de seguir-me por todos os dias de minha vida. E habitarei na casa do Senhor por longos dias”. (SL 22, 1-6)

52 – É neste contexto que, no meio da noite, acontece a passagem descrita por São Lucas:

“Havia nos arredores uns pastores, que vigiavam e guardavam seu rebanho nos campos durante as vigílias da noite. Um anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor refulgiu ao redor deles, e tiveram grande temor. O anjo disse-lhes: ‘Não temais, eis que vos anuncio uma boa nova que será alegria para todo o povo: hoje vos nasceu na Cidade de Davi um Salvador, que é o Cristo Senhor. Isto vos servirá de sinal: achareis um recém-nascido envolto em faixas e posto numa manjedoura’. E subitamente ao anjo se juntou uma multidão do exército celeste, que louvava a Deus e dizia: ‘Glória a Deus no mais alto dos céus e na terra paz aos homens, objetos da benevolência divina’” (Lc 2, 8-14).

53 – Os pastores não poderiam receber melhor notícia. Deus havia cumprido as suas promessas e o Messias, o Cristo, nasceu, era verdade o que havia sido dito pelo profeta Isaías e que tinham bem claro na memória:

“O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; sobre aqueles que habitavam uma região tenebrosa resplandeceu uma luz. Vós suscitais um grande regozijo, provocais uma imensa alegria; rejubilam-se diante de vós como na alegria da

¹⁴ PAGOLA, J. A., *Opus Cit.* P. 45-46.

colheita, como exultam na partilha dos despojos. Porque o jugo que pesava sobre ele, a coleira de seu ombro e a vara do feitor, vós os quebrastes, como no dia de Madiã. Porque todo calçado que se traz na batalha, e todo manto manchado de sangue serão lançados ao fogo e tornar-se-ão presa das chamas; porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado; a soberania repousa sobre seus ombros, e ele se chama: Conselheiro admirável, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz. Seu império será grande e a paz sem fim sobre o trono de Davi e em seu reino. Ele o firmará e o manterá pelo direito e pela justiça, desde agora e para sempre. Eis o que fará o zelo do Senhor dos exércitos” (Is 9, 1-6).

54 – Mas a primeira pessoa a viver esta alegria foi Maria, e isto acontece por ocasião da visita que ela recebe do Arcanjo Gabriel. A saudação do Arcanjo indica que a sua alegria é, antes de tudo, vontade de Deus. A tradução da CNBB do Evangelho de Lucas optou pela saudação latina: “*Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo*” (Lc 1, 28), mas a tradução da Bíblia de Jerusalém diz: “*Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo*”. Nesta questão, vale o comentário de Ratzinger:

*“Na saudação do anjo, impressiona o fato de não dirigir a Maria a habitual saudação judaica shalom – a paz esteja contigo –, mas a fórmula grega khairé, que pode tranquilamente traduzir por “Ave”, como sucede na oração mariana da Igreja, formada com palavras tiradas da narração da anunciação (cf. Lc 1, 28.42). Mas é justo individuar, neste ponto, o verdadeiro significado da palavra Khairé: alegre-te! Com esse voto do anjo – podemos dizer –, começa propriamente o Novo Testamento”.*¹⁵

55 – Uma saudação que deixa Maria confusa (cf. Lc 1, 29), mas a alegria acontece verdadeiramente e é revelada por ela mesma no canto do Magnificat: “*Minha alma glorifica ao Senhor, meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador*” (Lc 1, 46-47).

56 – Esta alegria chega, aos poucos, no coração de todas as pessoas. É uma alegria contagiante. Chega até Isabel e o menino em seu ventre (cf. Lc 1, 41-45). Chega até os pastores, como vimos acima e, quando vão visitar o Menino, causam admiração em todos os que os escutam (cf. Lc 2, 16-18). Também exultam de alegria o velho Simeão e a profetiza Ana, por ocasião da apresentação de Jesus no templo (cf. Lc 2, 25-38). Jesus também é a causa da alegria dos Magos, que vieram do oriente à sua procura (cf. Mt 2, 1-12). É a alegria dada pelo Emanuel, o Deus Conosco. A presença de Jesus vai ser

¹⁵ RATZINGER, J., *Opus Cit.*, p. 30.

causa de alegria para todos os que se encontram com ele na sua vida terrena, e deve ser para todos os que, através da ação da Igreja, se encontram com ele, agora Ressuscitado, nos caminhos da história.

57 – O shalom, a paz perdida com a quebra dos relacionamentos iniciais encontra na encarnação do Verbo o seu ponto de partida. Não precisamos mais nos esconder diante da aproximação de Deus por medo, como fizeram Adão e Eva no jardim do Éden. Agora ele é o Deus conosco, ele vem ao nosso encontro para restaurar a amizade que tínhamos perdido. Agora começamos existencialmente a reconstruir a paz com Deus, Agora começamos existencialmente a reconstruir o shalom.

O Espírito do Senhor repousa sobre mim

58 – Os evangelhos nos mostram muitos motivos para que as pessoas se alegrem na presença de Jesus. O primeiro deles é a própria missão de Jesus, que é o cumprimento da profecia de Isaías lida por ele no dia de sábado, na Sinagoga de Nazaré:

“Dirigiu-se a Nazaré, onde se havia criado. Entrou na sinagoga em dia de sábado, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Foi-lhe dado o livro do profeta Isaías. Desenrolando o livro, escolheu a passagem onde está escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor. E enrolando o livro, deu-o ao ministro e sentou-se; todos quantos estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Ele começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu este oráculo que vós acabais de ouvir” (Lc 4, 16-21)

59 – Anunciar a boa nova aos pobres, esta é a missão de Jesus. Os efeitos deste anúncio são a cura dos contritos de coração, a redenção dos cativos, a visão aos cegos, o ano da graça do Senhor. Anunciar a boa nova, a boa notícia, significa dizer algo que de fato muda a vida das pessoas pra melhor, produz efeitos bons na vida das pessoas. A vida de Jesus une a boa notícia como anúncio e como prática. Quem chega até ele tem a notícia do Reino de Deus e tem gestos concretos que provam a sua presença.

60 – Não se trata de um anúncio abstrato, sem pertinência na vida das pessoas, uma notícia simplesmente “espiritual” e que é preciso morrer para colher seus frutos. Jesus

não anuncia a libertação dos cativos, ele liberta. Jesus não anuncia a saúde, ele cura. A boa notícia aos pobres gera protagonismo histórico de reconstrução do mundo segundo a nova criação iniciada pela encarnação do Verbo. É como canta o nosso povo na música dedicada à Imaculada: *“Reino de Deus atuando na história”*.

As bem-aventuranças

61 – A convivência com as outras pessoas também deve tornar-se causa de alegria e Jesus apresenta para todos nós os pilares para que esta convivência seja fraterna, equilibrada e verdadeiramente humana. A felicidade não se encontra nos grandes projetos ou conquistas, mas na gratuidade nos relacionamentos, na misericórdia diante do erro, na fé e na confiança na divina providência, na busca do serviço a Deus e não ao dinheiro, na vivência da oração do Pai Nosso.

62 – O Evangelho de São Mateus nos apresenta Jesus como o novo Moisés. É ele quem sobe ao monte das bem-aventuranças e apresenta a perfeição da Lei: *“foi dito aos antigos (...) eu, porém, vos digo”*. Não basta não matar, Jesus exige superação dos problemas de relacionamento (cf. Mt 5, 21-26). Não basta não cometer adultério, Jesus exige respeito pela dignidade das pessoas (cf. Mt 5, 27-28). Jesus não permite o abandono da mulher à própria sorte numa sociedade machista e excludente e mostra o verdadeiro valor do matrimônio ao proibir o divórcio (cf. Mt 5, 31-32). Jesus exige compromisso com a verdade (cf. Mt 5, 33-37). Jesus proíbe a vingança e exige a misericórdia e a superação (cf. Mt 5, 38-48). A verdadeira religião é o relacionamento filial com Deus e fraterno com os irmãos e não simplesmente ritualismos públicos que trazem elogios (cf. Mt 6, 1-20). Jesus condena a idolatria do dinheiro e dos bens terrenos (cf. Mt 6, 23-24) e anuncia a Providência divina (cf. Mt 6, 25-34). Precisamos viver a misericórdia, a confiança e a fidelidade para com Deus, fugir das mentiras do mundo e fundamentar a nossa vida nos valores que ele prega (Mt 7).

63 – Aqueles que se encontram nas situações mais difíceis o ouvem com alegria:

“São eles os que precisam ouvir, antes de mais ninguém, a notícia do Reino: ‘Felizes vós que não tendes nada, porque vosso é o reino de Deus; felizes vós que agora tendes fome, porque serão saciados; felizes vós que agora chorais, porque rireis’. Jesus declara-os felizes, inclusive no meio dessa situação injusta que padecem, não porque logo serão ricos como os grandes proprietários daquelas

terras, mas porque Deus está vindo para suprimir a miséria, acabar com a fome e fazer aflorar o sorriso em seus lábios”¹⁶

Os que acreditam nele precisam ser sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-16), construir essa alegria para que Deus seja glorificado.

A alegria do Reino

64 – O Reino de Deus é o centro do anúncio de Jesus Cristo. *”Tanto nas bem-aventuranças quanto no pai-nosso está bem claro que o Reino de Deus é um dom de amor do próprio Deus”¹⁷*. Como todo dom, deve ser recebido com alegria. Ele é *“o acontecimento, pelo qual Deus começa a reinar e agir como rei ou Senhor; é uma ação, portanto, pela qual Deus manifesta seu ser-Deus no mundo dos humanos. O reinado de Deus, pois, é o próprio poder divino agindo para o nosso bem na nossa história, mas significa também o estado final escatológico, pondo fim ao mundo mau, dominado por seres nefastos, e iniciando o mundo novo onde Deus dominará plenamente”¹⁸*,

65 – Para aquele povo da Galileia, não poderia haver notícia melhor. O domínio pleno de Deus sobre o mundo significou o fim dos outros domínios que só trouxeram sofrimento, dor e morte. Agora nós podemos acreditar que o bem vai vencer o mal e o mundo será melhor. Agora temos o Reino do Shalom, o Reino da Paz com Deus, porque ele traz a salvação para todos nós e nos concede participar da sua vida e do seu mistério, o Reino no qual construímos a paz com nossos irmãos e irmãs, amando-nos como Jesus nos amou, o Reino no qual temos a paz conosco, pois somos reconciliados com Deus e temos a paz com o mundo porque todas as coisas são reunidas em Cristo, as da terra e as do céu (Cf. Ef 1, 10).

66 – Este Reino é recebido por nós com grande alegria e nos faz renunciar a tudo por ele, principalmente quando descobrimos o seu valor e a sua preciosidade, conforme nos diz Jesus na parábola:

O Reino dos céus é também semelhante a um tesouro escondido num campo. Um homem o encontra, mas o esconde de novo. E, cheio de alegria, vai, vende tudo o que tem para comprar aquele campo. O Reino dos céus é ainda semelhante a um

¹⁶ PAGOLA, J.A., *Opus cit.* p. 130-131.

¹⁷ RUBIO, A.G., *O encontro com Jesus Cristo vivo*, p. 38

¹⁸ SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*, p. 135.

negociante que procura pérolas preciosas. Encontrando uma de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra (Mt 13, 44-46).

67 – De fato, o Reino de Deus é o nosso tesouro, que nos foi dado por ele mesmo. Quem descobre verdadeiramente o seu valor é tomado de profunda alegria que o leva a fazer do Reino a razão da sua própria existência porque *“onde está o teu tesouro, lá também está teu coração”* (Mt 6, 21), a causa da sua felicidade.

68 – De fato, o Reino de Deus é a nossa pérola, é a grande preciosidade que Deus nos deu, algo verdadeiramente único e incomparável em todos os sentidos, que pode nos trazer a plena realização. Esta pérola nos dá uma alegria incomparável e insuperável.

Na presença do noivo não há jejum

69 – O relacionamento esponsal entre Deus e o seu povo está presente já no Antigo Testamento. O profeta Isaías afirma sobre Jerusalém: *não mais serás chamada a desamparada, nem tua terra, a abandonada; serás chamada: minha preferida, e tua terra: a desposada, porque o Senhor se comprazera em ti e tua terra terá um esposo* (Is 62, 4). O Senhor também fala pela boca do profeta Oséias: *Desposar-te-ei para sempre, desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com benevolência e ternura. Desposar-te-ei com fidelidade, e conhecerás o Senhor* (Os 2, 21-22).

70 – Em diversos trechos do Evangelho, Jesus também se coloca como o noivo. São Mateus narra várias parábolas com este conteúdo. Podemos citar como exemplo a parábola da festa das bodas do filho do rei (cf. Mt 22, 1-14) ou a parábola das virgens que esperam o esposo com suas lâmpadas (cf. Mt 25, 1-12).

71 – Mas é São Marcos quem nos mostra a alegria de estamos na companhia do esposo:

“Ora, os discípulos de João e os fariseus jejuavam. Por isso, foram-lhe perguntar: ‘Por que jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam?’ Jesus respondeu-lhes: ‘Podem porventura jejuar os convidados das núpcias, enquanto está com eles o esposo? Enquanto têm consigo o esposo, não lhes é possível jejuar. Dias virão, porém, em que o esposo lhes será tirado, e então jejuarão’” (Mc 2, 18-20).

72 – O livro do Apocalipse fala das núpcias do Cordeiro (cf. Ap 19, 7) e apresenta a Igreja como a sua noiva (cf. Ap 21, 9ss) que deseja a plena união com Jesus, ao dizer ao

Amado: Vem! (cf. Ap 22, 20). Não podemos jejuar diante do noivo. Devemos viver a alegria que quem participa do seu grande banquete, que nos garante toda a saciedade.

O mistério pascal: a alegria da ressurreição

73 – A morte inesperada de Jesus trouxe enormes dificuldades para que os seus discípulos permanecessem acreditando nele e na sua palavra. Foi uma tragédia. Como exemplo disso, podemos ver algumas palavras da passagem dos discípulos de Emaús: Jesus pergunta a causa da tristeza e abatimento que estão sentindo: “*Perguntou-lhes, então: ‘De que estais falando pelo caminho, e por que estais tristes?’*” (Lc 24, 17), e a resposta é bem clara: “*Nós esperávamos que fosse ele quem havia de restaurar Israel e agora, além de tudo isto, é hoje o terceiro dia que essas coisas sucederam*” (Lc 24, 21).¹⁹

74 – Os discípulos se dispersaram: “*O núcleo sólido da tradição é o seguinte: todos os discípulos, de alguma forma, abandonaram Jesus*”²⁰. “*Quando Jesus foi preso todos os discípulos fugiram e o abandonaram. Somente Simão Pedro manifesta interesse em ver o que irá acontecer com seu mestre, mas ele não persevera por muito tempo*”.²¹ Mesmo depois da ressurreição, as consequências continuam. Lucas afirma que na primeira aparição eles ficaram “*perturbados e espantados, pensaram estar vendo um espírito*” (Lc 24, 37). Mateus afirma que, na última aparição, “*quando o viram, adoraram-no; entretanto, alguns hesitavam ainda*” (Mt 28, 17). João nos lembra o que aconteceu com Tomé (cf. Jo 20, 24-29).

75 – Mas a experiência pascal mudou tudo. Por isso, a Igreja reza: “*Ó Deus, que nos concedestes a salvação pascal, acompanhai o vosso povo com vossos dons celestes, para que, tendo conseguido a verdadeira liberdade, possa um dia alegrar-se no céu, como exulta agora na terra*”.²² A experiência do ressuscitado muda a vida dos apóstolos. A conclusão do Evangelho de Lucas nos mostra isso claramente: “*Depois de o terem adorado, voltaram para Jerusalém com grande júbilo. E permaneciam no templo, louvando e bendizendo a Deus*” (Lc 24, 52-53).

¹⁹ Cf. RAUSCH, T.P., *Quem é Jesus? Uma introdução à Cristologia*, p. 181.

²⁰ SCHILLEBEECKX, E., *Opus cit.* P. 321.

²¹ GNILKA, J., *Jesus de Nazaré, Mensagem e história*, p. 268.

²² Missal Romano: Oração do dia da terça feira na oitava da Páscoa.

76 – A alegria passa a ser uma das marcas mais importantes dos discípulos de Jesus e dos que aderem à proposta do Reino. A vida das primeiras comunidades, narrada pelos Atos dos Apóstolos, atesta isso: *“Todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e os seus bens, e dividiam-nos por todos, segundo a necessidade de cada um. Unidos de coração frequentavam todos os dias o templo. Partiam o pão nas casas e tomavam a comida com alegria e singeleza de coração”* (At 2, 44-46). Os Atos dos Apóstolos também mostram a alegria do povo com as obras que os apóstolos realizavam: *“A multidão estava atenta ao que Filipe lhe dizia, escutando-o unanimemente e presenciando os prodígios que fazia. Pois os espíritos imundos de muitos possessos saíam, levantando grandes brados. Igualmente foram curados muitos paráliticos e coxos. Por esse motivo, naquela cidade reinava grande alegria”* (At 8, 6-8)

77 – As pessoas que conhecem Jesus a partir da ação dos apóstolos também vivem a alegria do encontro com o ressuscitado como, por exemplo, o eunuco evangelizado por Filipe: *“Começou então Filipe a falar, e, principiando por essa passagem da Escritura, anunciou-lhe Jesus. Continuando o caminho, encontraram água. Disse então o eunuco: ‘Eis aí a água. Que impede que eu seja batizado?’ Filipe respondeu: ‘Se crês de todo o coração, podes sê-lo’. ‘Eu creio, disse ele, que Jesus Cristo é o Filho de Deus’. E mandou parar o carro. Ambos desceram à água e Filipe batizou o eunuco. Mal saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou Filipe dos olhares do eunuco, que, cheio de alegria, continuou o seu caminho”* (At 8, 35-39).

78 – Toda essa alegria tem uma única razão: Jesus, o Filho de Deus, está vivo, ressuscitou como disse, venceu a morte. Ele está no meio de nós e nos possibilitou entrar no Reino de Deus. Somos todos membros de uma família e temos um Deus que é Pai. Somos todos irmãos, temos a vida divina em nós. Deus cumpriu plenamente todas as suas promessas.

Fazei discípulos

79 – Mas o Ressuscitado não quer que essa alegria seja apenas de um grupo de discípulos, porque isso é muito pouco diante do amor que ele tem por todos nós. Por isso, ele nos envia, faz de nós seus missionários, e o mandato é claro: *“E disse-lhes: ‘Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado’”* (Mc 16, 15-16).

80 – Mas existe uma exigência fundamental de Jesus para que possamos fazer discípulos, e esta exigência aparece no final do Evangelho de João, quando Jesus conversa com Pedro: *“Tendo eles comido, Jesus perguntou a Simão Pedro: ‘Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?’ Respondeu ele: ‘Sim, Senhor, tu sabes que te amo’. Disse-lhe Jesus: ‘Apascenta os meus cordeiros’. Perguntou-lhe outra vez: ‘Simão, filho de João, amas-me?’ Respondeu-lhe: ‘Sim, Senhor, tu sabes que te amo’. Disse-lhe Jesus: ‘Apascenta os meus cordeiros’. Perguntou-lhe pela terceira vez: ‘Simão, filho de João, amas-me?’ Pedro entristeceu-se porque lhe perguntou pela terceira vez: Amas-me?, e respondeu-lhe: ‘Senhor, sabes tudo, tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus:’ Apascenta as minhas ovelhas”* (Jo 21, 15-17).

81 – A condição para ser verdadeiramente evangelizador é amar Jesus. Se nós não o amamos mais do que os outros, não atrairemos ninguém para ele. É o nosso amor por Jesus que faz com que o testemunhemos, que queiramos que as pessoas estejam com ele, estabeleçam laços com ele e também o amem.

82 – A experiência do encontro com o Ressuscitado e o amor por ele gera missão:

*“As histórias pascais sugerem que aqueles a quem Jesus apareceu foram afetados e se modificaram. Noutras palavras, a experiência pascal dos discípulos foi transformadora. No mínimo, o que essas histórias mostram é de que maneira os seguidores desapontados e apavorados de Jesus foram encorajados a levar adiante o movimento. Do ponto de vista teológico, os discípulos experimentaram perdão, aceitação, amor e delegação”.*²³

83 – Assim, todos os que fizeram a experiência do encontro com o Ressuscitado têm uma notícia que devem levar ao mundo: *“A mensagem fundamental da missão é a esperança contida na ressurreição de Jesus Cristo como vitória da vida e da justiça”.*²⁴ Por isso, afirma o Papa João Paulo II: *“Os relatos dos Evangelhos são fechados na verdade, mostrando o Nazareno vitorioso sobre a morte, eles apontam para o túmulo vazio e segui-lo no ciclo das aparições em que os discípulos no primeiro perplexo e confuso, então, cheios de alegria indescritível, a experiência viva e glorioso, e ele recebem o dom do Espírito (cf. Jo 20,22), e com o mandato de anunciar o evangelho a “todas as nações” (Mt 28:19).*²⁵

²³ RAUSCH, T. P., *Opus cit.* p. 197.

²⁴ SUESS, P., *Introdução à Teologia da Missão*, p. 18.

²⁵ NMI 18.

A Igreja

84 – Quando Jesus expulsou os vendilhões do templo, os judeus perguntaram que sinal ele apresentava para justificar tal prática. Jesus respondeu: “*Destruí vós este templo, e eu o reerguerei em três dias*” (Jo 2, 19). João continua afirmando: “*Mas ele falava do templo do seu corpo*” (Jo 2, 21). No Calvário, quando este templo estava sendo destruído, aconteceu o seguinte fato, narrado pelo mesmo João:

Os judeus temeram que os corpos ficassem na cruz durante o sábado, porque já era a Preparação e esse sábado era particularmente solene. Rogaram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas e fossem retirados. Vieram os soldados e quebraram as pernas do primeiro e do outro, que com ele foram crucificados. Chegando, porém, a Jesus, como o vissem já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados abriu-lhe o lado com uma lança e, imediatamente, saiu sangue e água (Jo 19, 31-34).

85 – O Pe. Francisco Sehnem escreveu o seguinte parágrafo:

Os Santos Padres recorrem à imagem poética e, ao mesmo tempo, profética com que o livro do Gênesis nos descreve a origem da mulher. Como Eva nasceu do lado de Adão, assim a Igreja, a esposa de Cristo, nasceu da ferida do lado do novo Adão, quando dormia sobre a Cruz. Já pelo final do século II, Tertuliano escrevia: “Se Adão foi figura de Cristo, o sono de Adão foi também figura do sono de Cristo, dormindo na morte sobre a Cruz, para que, pela abertura do seu lado, se formasse a verdadeira mãe dos vivos, isto é a Igreja” (PL t. II, col.767).²⁶

86 – O Papa Francisco, na audiência geral do dia 29 de maio, afirmou:

“Quando lemos os Evangelhos, vemos que Jesus reúne à sua volta uma comunidade que acolhe a sua palavra, partilha o seu caminho, esta transforma-se na sua família e com esta comunidade Ele prepara e controla a sua Igreja. De onde nasce então a Igreja? Nasce do gesto supremo de Jesus na Cruz do lado aberto de Cristo de onde jorraram sangue e água, símbolos dos Sacramentos da Eucaristia e do Batismo.”²⁷

87 – Assim, vemos que a Igreja nasce do lado aberto de Cristo na cruz, mas podemos também fazer uma comparação entre este fato e o capítulo 47 do profeta Ezequiel para o compreendermos melhor. Assim inicia o profeta:

²⁶ <http://www.dehonbrasil.com/sci/historico7.htm>. Acesso em 01 de julho de 2013.

²⁷ http://pt.radiovaticana.va/news/2013/05/29/...%C3%A9_a_igreja_que_nos_leva_a_cristo_-_o_papa_francisco_n/por-696423. Acesso em 01 de julho de 2013.

Conduziu-me então à entrada do templo. Eis que águas jorravam de sob o limiar do edifício, em direção ao oriente (porque a fachada do templo olhava para o oriente). Essa água escorria por baixo do lado direito do templo, ao sul do altar. (Ez 47, 1).

88 – O templo é o próprio Cristo que jorra água do seu lado aberto pela lança, no alto da cruz. Esta água é a Igreja nascente. O profeta Ezequiel continua:

Fez-me sair pela porta do norte e contornar o templo do lado de fora até o pórtico exterior oriental; eu vi a água brotar do lado sul. O homem foi para o oriente com uma corda na mão: mediu mil côvados; a seguir fez-me passar na água, que me chegou até os tornozelos. Mediu ainda mil côvados e me fez atravessar a água, que me subiu até os joelhos. Mediu de novo mil côvados e fez-me atravessar a água, que me subiu até os quadris. Mediu, enfim, mil côvados; e era uma torrente que eu não podia atravessar, de tal modo as águas tinham crescido! E era preciso nadar, era um curso de água que não se podia passar (Ez 47, 2-5).

Esta narrativa mostra a Igreja que cresce no curso da história.

89 – Mas o profeta continua:

Viste, filho do homem? - falou-me, e me levou ao outro lado da torrente. Ora, retornando, avistei nas duas margens da torrente uma grande quantidade de árvores. Essas águas, disse-me ele, dirigem-se para a parte oriental, elas descem à planície do Jordão; elas se lançarão no mar, de sorte que suas águas se tornarão mais saudáveis (Ez 47, 6-8).

A missão da Igreja é transformar o mundo segundo o projeto de Deus. O Documento de Aparecida afirma:

O projeto de Deus é “a Cidade Santa, a nova Jerusalém”, que desce do céu, de junto a Deus, “vestida como uma noiva que se adorna para seu esposo”, que é “a tenda que Deus instalou entre os homens. Acampará com eles; eles serão seu povo e o próprio Deus estará com eles”²⁸

O mesmo documento diz:

A Igreja está a serviço da realização desta Cidade Santa, através da proclamação e da vivência da Palavra, da celebração da Liturgia, da comunhão fraterna e do

²⁸ DAp, 515.

*serviço, especialmente aos mais pobres e aos que mais sofrem e, dessa forma, através de Cristo como fermento do Reino vai transformando a cidade atual.*²⁹

Assim, fica clara a missão da Igreja na história, transformar o mar insalubre do mundo em algo saudável.

90 – A partir da ação dos apóstolos e discípulos de Jesus, surgem as primeiras comunidades.

*“Nas primeiras décadas da vida da Igreja as várias comunidades eram estabelecidas e desenvolvidas sob a orientação de um grupo de missionários e testemunhas da ressurreição de Jesus, conhecidos desde os primeiros dias como apóstolos”.*³⁰

91 – Logo, recebem o nome de cristãos. Foram chamados assim pela primeira vez em Antioquia (cf. At 11, 26), mas logo começaram a ser chamados de Igreja.

*“Como havia acontecido também que os cristãos haviam dado um nome a suas reuniões de grupo, pois as denominavam ekklesiái, que nós traduzimos “igrejas”. Este termo é usado abundantemente na literatura paulina.”*³¹

A presença de Jesus

92 – A presença de Jesus é um elemento fundamental da fé na Igreja. Ele mesmo garantiu esta presença em diferentes momentos de sua existência histórica. Ele afirmou o seguinte: *“Digo-vos ainda isto: se dois de vós se unirem sobre a terra para pedir, seja o que for, conseguí-lo-ão de meu Pai que está nos céus. Porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”* (Mt 18, 19-20). Depois da sua ressurreição, manteve a promessa: *“Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo”* (Mt, 28, 20), Marcos atesta sua presença: *“O Senhor cooperava com eles e confirmava a sua palavra com os milagres que a acompanhavam”* (Mc 16, 20).

93 – A Igreja, comunidade dos discípulos missionários de Jesus Cristo é o Corpo Místico de Cristo. *“A Igreja é em Cristo como que o sacramento ou o sinal e instrumento da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”.*³² É o Corpo Místico de Cristo e Sacramento de salvação, conforme nos ensina o Concílio Vaticano II:

²⁹ DAp, 516.

³⁰ RAUSCH, T.P., *Rumo a uma Igreja verdadeiramente Católica*, p. 111.

³¹ DIANICH, S. e NOCETI, S., *Tratado sobre a Igreja*, p. 95.

³² LG 1.

*“Levantado da terra, Cristo atraiu tudo a si (cf. Jo 12,32). Ressuscitando dos mortos (cf. Rm 6,9), derramou nos discípulos seu Espírito vivificador, fazendo de seu corpo, a Igreja, sacramento universal da salvação. Sentado à direita do Pai, opera continuamente no mundo, conduzindo os homens à Igreja para mantê-los unidos mais intimamente a si mesmo, alimentá-los com seu próprio corpo e sangue e torná-los participantes de sua vida gloriosa”.*³³

94 – A Igreja nos ensina, de modo especial no Documento de Aparecida, ao encontro pessoal com Jesus Cristo, lembrando nos que *“o encontro com Cristo, graças à ação invisível do Espírito Santo, realiza-se na fé recebida e vivida na Igreja”*³⁴ e nos mostra os locais onde este encontro acontece.

95 – O primeiro lugar onde podemos encontrar Jesus, segundo o Documento de Aparecida, é na Sagrada Escritura.³⁵ Também o encontramos de modo admirável da sagrada liturgia³⁶, de modo especial, no sacramento da Eucaristia³⁷ e no sacramento da reconciliação³⁸, assim como na vida de oração³⁹ e na vida comunitária.⁴⁰

96 – Mas também encontramos Jesus fora do ambiente religioso e, de modo especial, ele se faz presente nos pobres e necessitados, conforme nos ensina São Mateus:

“Quando o Filho do Homem voltar na sua glória e todos os anjos com ele, sentar-se-á no seu trono glorioso. Todas as nações se reunirão diante dele e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. Colocará as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estão à direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde a criação do mundo, porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era peregrino e me acolhestes; nu e me vestistes; enfermo e me visitastes; estava na prisão e viestes a mim’. Perguntar-lhe-ão os justos: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos peregrino e te acolhemos, nu e te vestimos? Quando foi que te vimos enfermo ou na prisão e te fomos visitar’ Responderá o Rei: ‘Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes’” (Mt 25, 31-40).

³³ LG 48.

³⁴ DAp 246.

³⁵ Cf. DAp 247-249.

³⁶ Cf. DAp 250.

³⁷ Cf. DAp 251-253.

³⁸ Cf. DAp 254.

³⁹ Cf. DAp 255.

⁴⁰ Cf. DAp 256.

É por isso que o Documento de Aparecida afirma:

*“Também o encontramos de um modo especial nos pobres, aflitos e enfermos (cf. Mt 25,37-40), que exigem nosso compromisso e nos dão testemunho de fé, paciência no sofrimento e constante luta para continuar vivendo. Quantas vezes os pobres e os que sofrem realmente nos evangelizam! No reconhecimento desta presença e proximidade e na defesa dos direitos dos excluídos encontra-se a fidelidade da Igreja a Jesus Cristo. O encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé em Jesus Cristo. Da contemplação do rosto sofredor de Cristo neles e do encontro com Ele nos aflitos e marginalizados, cuja imensa dignidade Ele mesmo nos revela, surge nossa opção por eles. A mesma união a Jesus Cristo é a que nos faz amigos dos pobres e solidários com seu destino”.*⁴¹

A força do Espírito Santo

97 – A Igreja atua na força do Espírito Santo.

“Tal força é fonte de santidade e origem dos dinamismos que perpassam a Igreja; a força do Espírito é como que o vínculo dinâmico que conserva a Igreja na santidade e na unidade e que se exprime nela pelos diferentes dons.

*O ‘ser social’ da Igreja é atravessado primeiro pela força de se transformar e de se reformar ela mesma, não imediatamente em função de critérios intelectualmente determinados (ainda que estes existam), mas pelo próprio dinamismo que a constitui. Depois essa mesma força, a um só tempo imanente, pois habita a Igreja, e transcendente, pois o Espírito de Deus é e continua sendo a origem disso, provoca todas as ações de testemunho, de missão e de chamamento pelas quais o Evangelho é anunciado e instituído em todas as nações. Na realidade é essa força do Espírito, diversificada em suas manifestações, que está constantemente em ação e realiza a obra da missão”.*⁴²

98 – É por isso que as atuais Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil afirma que:

Jesus Cristo, o grande missionário do Pai, envia, pela força do Espírito, seus discípulos em constante atitude de missão (Mc 16,15). Quem se apaixona por Jesus Cristo deve igualmente transbordar Jesus Cristo, no testemunho e no anúncio explícito de sua Pessoa e Mensagem. A Igreja é indispensavelmente missionária.

⁴¹ DAp 257.

⁴² LAFONT, G. *Imaginar a Igreja Católica*, p. 133-134.

Existe para anunciar, por gestos e palavras, a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. Fechar-se à dimensão missionária implica fechar-se ao Espírito Santo, sempre presente, atuante, impulsionador e defensor (Jo 14,16; Mt 10,19-20).⁴³

⁴³ DGAE 30.

A evangelização hoje

99 – O Papa João Paulo II afirmou que “o que me anima mais a proclamar a urgência da evangelização missionária é que ela constitui o primeiro serviço que a Igreja pode prestar ao homem e à humanidade inteira, no mundo de hoje, que, apesar de conhecer realizações maravilhosas, parece ter perdido o sentido último das coisas e da sua própria existência. Cristo Redentor — como deixei escrito na primeira Encíclica — revela plenamente o homem a si próprio. O homem que a si mesmo se quiser compreender profundamente deve aproximar-se de Cristo. A Redenção, operada na cruz, restituiu definitivamente ao homem a dignidade e o sentido da sua existência no mundo”.⁴⁴

100 – De fato, a evangelização é uma necessidade do mundo contemporâneo, tão necessitado de critérios seguros para dar significado à própria existência, assim como de valores que fundamentem o seu relacionamento com as outras pessoas e determinem a finalidade do seu agir.

A alegre esperança do Reino

101- Os cristãos não são anunciadores de maus presságios ou legitimadores dos sofrimentos que marcam a vida humana, embora encontremos muitos que são mais ligados à sexta-feira santa do que ao domingo da páscoa e exaltam de tal forma o poder do inferno que parece que querem que até Deus aja por medo do diabo. É claro que estes tipos de atitudes afastam qualquer pessoa desinformada do desejo de viver a fé católica.

102 – A nossa mensagem é justamente o contrário, é a mensagem da alegria, conforme nos ensina São Paulo: “*Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos!*” (Fl 4, 4). E esta alegria tem motivo: a esperança no Reino anunciado por Jesus. É por isso que o próprio Jesus afirmou: “Disse-vos essas coisas para que a minha alegria esteja em vós, e a vossa alegria seja completa” (Jo 15, 11).

103 – São Pedro nos lembra que devemos colocar toda a nossa esperança na graça de Deus (cf. 1 Pd 1, 13) e devemos sempre demonstrar as razões da nossa esperança (cf. 1Pd 3, 15). Isso significa não só que a esperança deve marcar o nosso agir, mas também que ela deve ser explicitada de forma inequívoca, mostrando ao mundo que “*Manifestou-se, com efeito, a graça de Deus, fonte de salvação para todos os homens.*

⁴⁴ RM 2.

Veio para nos ensinar a renunciar à impiedade e às paixões mundanas e a viver neste mundo com toda sobriedade, justiça e piedade, na expectativa da nossa esperança feliz, a aparição gloriosa de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo” (Tt 2. 11-13). É por isso que respondemos na liturgia: Caminhamos no amor e na alegria.⁴⁵

A obra evangelizadora e a alegria de encontrar Jesus

104 – Ninguém é evangelizador por acaso. Trabalhar na obra evangelizadora é participar da obra da salvação da humanidade, que não é uma obra humana, mas divina, de modo que ser evangelizador é, em primeiro lugar, graça, dom de Deus, chamado, vocação.

105 – Este chamado vem do próprio Jesus e é por isso que o Papa João Paulo afirma: *“Nota essencial da espiritualidade missionária é a comunhão íntima com Cristo: não é possível compreender e viver a missão, senão na referência a Cristo, como Aquele que foi enviado para evangelizar”.*⁴⁶ A comunhão com Cristo é o ponto de partida para o trabalho evangelizador. Ele não é apenas aquele que chama, é também aquele que evangeliza conosco e modelo de missionário.

106 – O Documento de Aparecida afirma que:

*“Aqui está o desafio fundamental que contrapomos: mostrar a capacidade da Igreja de promover e formar discípulos que respondam à vocação recebida e comuniquem em todas as partes, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo. Não temos outro tesouro a não ser este. Não temos outra felicidade nem outra prioridade que não seja sermos instrumentos do Espírito de Deus na Igreja, para que Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistências.”*⁴⁷

Sem o encontro com Jesus, ninguém é evangelizador. Somente quem vive a alegria do encontro pessoal com Jesus é capaz de transmitir esta alegria a outras pessoas promovendo o encontro delas com o próprio Jesus. E faz isso porque quem vive esta alegria na sua profundidade não pode ficar com ela somente para si, mas tem a necessidade de comunicá-la ao mundo.

⁴⁵ Oração Eucarística VI C.

⁴⁶ RM 88.

⁴⁷ DAp 14.

Motivos para comemorar

107 – Temos muitos motivos para elevar a Deus uma oração de ação de graças pelos resultados alcançados pelo trabalho evangelizador. Este trabalho é desenvolvido há séculos em nossa terra e trouxe muitos frutos, conforme diz o Documento de Aparecida:

As maiores riquezas de nossos povos são a fé no Deus de amor e a tradição católica na vida e na cultura. Manifesta-se na fé madura de muitos batizados e na piedade popular que expressa “o amor a Cristo sofredor, o Deus da compaixão, do perdão e da reconciliação (...), o amor ao Senhor presente na Eucaristia (...), - o Deus próximo dos pobres e dos que sofrem, - a profunda devoção à Santíssima Virgem de Guadalupe, de Aparecida ou dos diversos nomes nacionais e locais”. Expressa-se também na caridade que em todas as partes anima gestos, obras e caminhos de solidariedade para com os mais necessitados e desamparados. Está presente também na consciência da dignidade da pessoa, na sabedoria diante da vida, na paixão pela justiça, na esperança contra toda esperança e na alegria de viver que move o coração de nosso povo, ainda que em condições muito difíceis. As raízes católicas permanecem na arte, linguagem, tradições e estilo de vida do povo, ao mesmo tempo dramático e festivo e no enfrentamento da realidade. Por isso, o Santo padre nos responsabilizou ainda mais, como Igreja, da “grande tarefa de proteger e alimentar a fé do povo de Deus”.⁴⁸

108 - Os bispos do Brasil afirmam:

A Igreja no Brasil, iluminada pela Conferência de Aparecida e celebrando o cinquentenário do Concílio Vaticano II, louva e bendiz o Deus da Vida, do Amor e da Paz, pela tradição em planejar a ação evangelizadora. Ergue um canto de louvor por todas as pessoas que, nas mais diversas formas de viver a fé, levam adiante o anúncio do Reino de Deus, concretizando os planejamentos e suscitando novas propostas, algumas vezes, na satisfação de vê-las realizadas, outras, no martírio que decorre da fidelidade ao Evangelho. Louva a Deus pela Palavra anunciada, a Eucaristia celebrada, a solidariedade concretizada, a vida defendida, o amor compartilhado, a unidade fortalecida e a fraternidade testemunhada. Eleva um canto de gratidão pelas inúmeras e diversificadas formas de viver a dimensão comunitária, sem as quais planejamento algum pode se concretizar.⁴⁹

109 – De fato, nos inspirando nas palavras da Virgem Maria, podemos dizer que o Senhor fez por nós maravilhas porque nos concedeu a graça de lançar as sementes do

⁴⁸ DAP 7.

⁴⁹ DGAE 3.

Evangelho nas nossas terras através da Igreja Católica, como nos diz Aparecida: *O dom da tradição católica é um cimento fundamental de identidade, originalidade e unidade da América latina e do caribe: uma realidade histórico-cultural, marcada pelo Evangelho de Cristo, realidade na qual abunda o pecado – abandono de Deus, comportamentos viciosos, de opressão, violência, ingratidões e misérias – porém, onde superabunda a graça da vitória pascal.*⁵⁰ Temos a alegria de viver num continente no qual sempre acontece o encontro com Jesus. Prova disso são os grandes santos do nosso continente, conforme afirma o Papa João Paulo II:

*A expressão e os melhores frutos da identidade cristã da América são os seus santos. Neles, o encontro com o Cristo vivo "é tão profunda e torna-se todos os consumidores de fogo, e as unidades para construir Seu Reino, que Cristo a Nova Aliança são o significado e a alma de vida pessoal e comunitária ". América floresceram os frutos de santidade desde o início da evangelização. Este é o caso de Santa Rosa de Lima (1586-1617), "a primeira flor de santidade do Novo Mundo", proclamou padroeira da América em 1670 pelo Papa Clemente X. Depois, os santos americanos aumentou a sua extensão atual. A beatificação e canonização, com não muitos filhos e filhas do continente foram elevados às honras dos altares, oferecem modelos heroicos de vida cristã nos diversos estados de vida e ambientes sociais. A Igreja, beatificar ou canonizar vê-los como intercessores poderoso Jesus Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, o mediador entre Deus e os homens.*⁵¹

Motivos para agir

110 – João Paulo II afirma que “os Evangelhos falam de Jesus encontrando pessoas em situações muito diferentes. Às vezes, estas são situações de pecado, que mostram a necessidade de conversão e perdão do Senhor”.⁵² Esta necessidade só poderá ser atendida a partir do trabalho evangelizador que promova o encontro com Jesus que torna possível a conversão. É por isso que o Documento de Aparecida afirma que “*Em nossa Igreja devemos oferecer a todos os nossos fiéis um “encontro pessoal com Jesus Cristo”, uma experiência religiosa profunda e intensa, um anúncio kerigmático e o*

⁵⁰ DAp 8.

⁵¹ EA 15.

⁵² EA 13.

*testemunho pessoal dos evangelizadores, que leve a uma conversão pessoal e a uma mudança de vida integral”.*⁵³

111 – Vivemos num momento de mudanças, e mais do que nunca este tempo significa nova oportunidade para o trabalho evangelizador, pois assim o Evangelho contribuirá de forma decisiva para que a sociedade seja mais humana. O Espírito Santo age de forma extraordinária. Estamos em tempos de sementeira numa sociedade pós cristã. Se não semearmos hoje, não haverá colheita amanhã e seremos responsáveis por isso.

112 – É por isso que os bispos do Brasil afirmam: “Este é um tempo em que, através de novo ardor, novos métodos e nova expressão, respondamos missionariamente à mudança de época com o recomeçar a partir de Jesus Cristo.”⁵⁴

Realizar a Campanha para a Evangelização

113 – A Campanha para a Evangelização é um programa global dos Organismos Nacionais, do Secretariado Nacional da Conferência dos Bispos do Brasil (CNBB) e das Igrejas Particulares (Arquidioceses, Dioceses, Eparquias, Prelazias, etc.). Ela deve ser sempre realizada à luz e na perspectiva das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil. É preciso, assim, que as Equipes Permanentes de Campanhas participem desta ação conjunta, proposta pela Igreja no Brasil.

114 – Desde 1963, com o Plano de Emergência, e 1966, com o Plano de Pastoral de Conjunto, a ação evangelizadora e pastoral da Igreja vive um processo de planejamento abrangente. Este processo tem as Diretrizes como fundamento e inspiração e se expressa no Plano de Pastoral, elaborado de maneira participativa e em diversos níveis.

115 – A busca desse planejamento, sempre mais participativo, requer envolvimento dos agentes de pastoral, das equipes de coordenação e animação, dos conselhos e outros órgãos a serviço do crescimento da vida comunitária.

116 – A realização da Campanha para a Evangelização, como programa global conjunto, é exercício e expressão de planejamento participativo e de articulação pastoral, decorrente da própria natureza da Igreja-comunhão.

117 – A articulação:

⁵³ DAP 226, a).

⁵⁴ DGAE 24.

- favorece o desenvolvimento dos carismas eclesiais de maneira orgânica;
- distribui tarefas e define as atribuições das diversas pastorais, organismos, movimentos e grupos;
- envolve o maior número possível de interessados, na reflexão, na decisão, na execução e na avaliação.

118 – Para uma eficaz e frutuosa realização da Campanha para a Evangelização, é indispensável reavivar, a cada ano, o processo de seu planejamento. Isto não acontece sem a constituição das Equipes Permanentes de Campanhas que sejam entusiastas, dinâmicas, criativas, e que sejam marcadas por profunda espiritualidade e pelo zelo apostólico.

118 – Em muitos Regionais, Dioceses e Paróquias, já temos as Equipes Permanentes de Campanhas, que favorecem uma maior integração entre a Campanha para a Evangelização, as demais Campanhas desenvolvidas pela Igreja, o calendário litúrgico e o calendário pastoral, inserindo as campanhas na organicidade da vida eclesial.

119 – Especial tarefa e compromisso das Equipes Permanentes de Campanhas, em seus diversos níveis, deve ser a de evitar a rotina; isso se aplica também em relação à Campanha para a Evangelização, que é diferente a cada ano. Evitando a novidade pela simples novidade, as equipes saberão utilizar-se da *criatividade* para realizá-la, todos os anos, como algo realmente *novo*.

1. Equipe Regional de Campanhas

120 – Compete-lhe:

- estimular a formação, o assessoramento e a articulação das Equipes Permanentes de Campanhas das Dioceses;
- planejar a Campanha para a Evangelização em nível regional: **o que** organizar, **quem** envolver, que **calendário** seguir, **onde** e **como** atuar.

121 – Atividades que poderão desenvolver:

- Antes da Campanha:
 - realizar Encontro Regional para o estudo do Texto-base, a fim de descobrir a melhor forma de utilização dos subsídios de divulgação;

- definir atividades a serem assumidas conjuntamente nas Dioceses, Paróquias e Comunidades;
- verificar a possibilidade da produção de subsídios adaptados à realidade local;
- possibilitar a troca de informações e o repasse de subsídios, relacionados ao tema, produzidos em âmbito mais local ou provenientes de outras fontes e regiões;
- constituir equipes e/ou indicar pessoas que possam prestar serviço de assessoria.
- Durante a Campanha:
 - descobrir formas de estar em permanente contato com as Equipes Permanentes de Campanhas das Dioceses, para animação e intercâmbio das experiências mais significativas;
 - possibilitar o acompanhamento das atividades comuns programadas.
- Depois da Campanha:
 - promover um novo encontro regional de avaliação;
 - providenciar a redação e o envio da síntese Regional da avaliação à Secretaria Executiva Nacional da Campanha para a Evangelização, dentro do cronograma previsto;
 - definir a participação regional no encontro nacional de avaliação e planejamento da Campanha para a Evangelização;
 - repassar às Dioceses a avaliação nacional e outras informações.

2. Equipe Permanente de Campanhas da Diocesana

122 – Compete-lhe:

- estimular a formação, assessorar e articular as equipes paroquiais;
- planejar, em âmbito diocesano: o **que** realizar, **quem** envolver, que **calendário** seguir, **como** e **onde** atuar.

123 – Atividades que poderão desenvolver:

- Antes da Campanha:
 - incluir as Campanhas no Calendário Diocesano de Pastoral;
 - inserir no calendário da Diocese a realização de encontro diocesano, para estudo do Texto-base, buscando a melhor forma de utilizar as diversas peças da Campanha;
 - definir, juntamente com o Bispo Diocesano e o Conselho de Presbíteros, um encontro de informação para o clero;
 - encomendar os subsídios necessários para as paróquias e comunidades, principalmente a Novena de Natal em Família;
 - definir atividades comuns nas paróquias;
 - promover o intercâmbio de informações e subsídios;
 - estabelecer uma programação especial de lançamento;
 - constituir equipes para atividades específicas;
 - informar a existência e repassar subsídios alternativos.
- Durante a Campanha:
 - acompanhar as diversas equipes existentes;
 - verificar o andamento das atividades comuns programadas;
 - manter frequente contato com as paróquias, para perceber o andamento da Campanha;
 - conferir a chegada dos subsídios a todos os destinatários em potencial;
 - alimentar com pequenos textos motivadores (release) os Meios de Comunicação Social.
- Depois da Campanha:
 - promover encontro diocesano de avaliação;
 - cuidar da redação final e do envio da síntese da avaliação à equipe regional;
 - participar do encontro regional de avaliação;
 - repassar às equipes paroquiais a avaliação regional e outras informações;

- concretizar o gesto concreto e garantir o repasse da parte da coleta para a CNBB Regional e Nacional;
- fazer com que a Campanha para a Evangelização seja articulada com as demais Campanhas promovidas pela Igreja, assim como com a Pastoral Diocesana.

3. Equipe Paroquial da CE

124 – A Campanha para a Evangelização deve acontecer também nas famílias, nos grupos e nas comunidades eclesiais articulados pela paróquia. Como em relação a outras atividades pastorais, o papel do pároco ou da equipe presbiteral é preponderante. Tudo anda melhor quando o pároco estimula, incentiva, articula e organiza a ação pastoral. Em toda paróquia, pastoralmente dinâmica, não faltarão equipes de serviço para tudo que for necessário. O Conselho Paroquial de Pastoral, já constituído na maioria das Paróquias, juntamente com a Equipe Permanente de Campanhas da Paróquia, são responsáveis pela realização articulada e entusiasta da Campanha para a Evangelização.

125 – Atividades que poderão desenvolver:

- Antes da Campanha:
 - providenciar o pedido de material junto à Diocese;
 - programar um encontro paroquial para estudo do Texto-base e descoberta da melhor maneira de serem utilizadas as diversas peças de reflexão e divulgação da Campanha para a Evangelização;
 - definir as atividades a serem assumidas conjuntamente;
 - estabelecer a programação da abertura, em âmbito paroquial;
 - buscar, juntos, os meios para que a Campanha para a Evangelização possa atingir eficazmente todos os espaços e ambientes da realidade paroquial;
 - realizar encontros conjuntos ou específicos com as diversas equipes paroquiais, para programar as atividades do Tempo do Advento e celebração do Natal do Senhor;
 - prever a colocação do maior número possível de subsídios da Campanha.
- Durante a Campanha

- intensificar sua divulgação;
- conferir a chegada dos subsídios aos destinatários;
- realizar a coleta.
- Depois da Campanha:
 - avaliar sua realização, encaminhando a síntese à Coordenação Diocesana;
 - marcar presença no encontro diocesano de avaliação;
 - repassar às lideranças da paróquia as conclusões da avaliação diocesana;
 - garantir o repasse da parte da coleta à Diocese, ao Regional e à CNBB Nacional;
 - fazer com que a Campanha se articule com as demais campanhas realizadas na Paróquia, assim como com as Pastorais, movimentos e serviços nela existentes.

Bibliografia

Documentos Conciliares

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1976.

Magistério Pontifício

COMMISSIONE INTERDICASTERIAE PER IL CATECHISMO DELLA CHIESA CATTOLICA, *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 1999.

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica “Redemptoris Missio”** in COSTA, L. (org.), *Encíclicas de João Paulo II*. São Paulo: Paulus, 1997.

PAULO VI, **Exortação Apostólica Pós Sinodal “Evangelii Nuntiandi”** in COSTA, L. (org.), *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *Exortação Apostólica Pós Sinodal Ecclesia in America*. São Paulo: Paulinas, 1999.

_____, *Exortação Apostólica Novo Millennio Ineunte*. São Paulo: Paulinas, 2001.

Conferências Episcopais

CELAM, *Documento conclusivo da Vª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe – Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB, 2007.

CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2011 – 2015*. Brasília: Edições CNBB, 2011. Doc. 94.

_____, *Bíblia Sagrada*. Brasília: Edições CNBB, 2011.

Livros e artigos

BOUZON, E., **O profetismo no Antigo Oriente e no Antigo Testamento** in BINGEMER, M.C.L. e YUNES, E. (orgs.), *Profetas e profecias*. São Paulo: Loyola; Rio de Janeiro: PUC Rio, 2002, p.39-43.

DIANICH, S. e NOCETI, S., *Tratado sobre a Igreja*. Aparecida: Santuário, 2011.

GNILKA, J., *Jesus de Nazaré, Mensagem e história*. Petrópolis: Vozes, 2000.

- LAFONT, G. *Imaginar a Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2008.
- PAGOLA, J. A., *Jesus, aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- RATZINGER, J., *A infância de Jesus*. São Paulo: Planeta, 2012.
- RAUSCH, T.P., *Quem é Jesus? Uma introdução à Cristologia*. Aparecida: Santuário, 2010.
- _____, *Rumo a uma Igreja verdadeiramente Católica*. São Paulo: Loyola, 2008.
- RUBIO, A.G., *O encontro com Jesus Cristo vivo*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- SATTLER, D. e SCHNEIDER, T., **Doutrina da Criação** in SHNEIDER, T. (org.), *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 114-215.
- SCHILLEBEECKX, E., *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.
- SELLIN, E. e FOHRER, G., *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977, vol. II.
- SUESS, P., *Introdução à Teologia da Missão*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- VVAA., *Dicionário de Catequética*. São Paulo: Paulus, 2004.
- VVAA., *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas. 1992.

Internet

<http://www.dehonbrasil.com/scj/historico7.htm>.

[http://pt.radiovaticana.va/news/2013/05/29/... %C3%A9 a igreja que nos leva a cristo - o papa francisco n/por-696423](http://pt.radiovaticana.va/news/2013/05/29/...%C3%A9%20a%20igreja%20que%20nos%20leva%20a%20cristo%20-%20o%20papa%20francisco%20n%2Fpor-696423).